

ESTADO DE MINAS

www.em.com.br

BELO HORIZONTE, TERÇA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO DE 2015

ENERGIA

Apesar da melhoria do nível dos reservatórios das hidrelétricas na comparação com o registrado no mesmo período do ano passado e do risco menor de déficit, situação ainda não é satisfatória

SÃO PEDRO AINDA TEM QUE DAR UMA AJUDINHA

Por Paulo Nunes

Depois de uma avaliação preliminar sobre o nível dos reservatórios das hidrelétricas para avaliar o nível dos reservatórios. Em comparação com o registrado no mesmo período do ano passado, apesar da melhoria do nível dos reservatórios, situação ainda não é satisfatória.

Segundo informações do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), a água armazenada nos reservatórios do Sistema Interligado Nacional em 1º de outubro é capaz de gerar 11,27% mais energia do que o registrado no mesmo período do ano passado. No total, são 12,82 bilhões de kWh armazenados disponíveis a mais. O aumento se deve principalmente ao aumento de vazantes no regime Saneamento de São Paulo (SAP), o que representa 2,5% a mais de energia disponível.

Com o crescimento da demanda de energia no Sistema Interligado Nacional (SIN) e no Sudeste, "é preciso ser mais cuidadoso com o nível dos reservatórios e com a oferta elétrica, que é mais sensível a variações de vazantes", afirma o diretor de planejamento do ONS, Paulo Nunes. Segundo ele, a oferta elétrica de 2015, apesar de ser maior do que a de 2014, ainda é insuficiente para cobrir a demanda de 2015, o que representa um déficit de 2,5%.

Em 29 de setembro, o volume de água armazenado nos reservatórios do SIN é de 11,27 bilhões de kWh, o que representa 11,27% a mais do que o registrado no mesmo período do ano passado. No total, são 12,82 bilhões de kWh armazenados disponíveis a mais. O aumento se deve principalmente ao aumento de vazantes no regime Saneamento de São Paulo (SAP), o que representa 2,5% a mais de energia disponível.

As mudanças incluem o aumento de vazantes em algumas usinas hidrelétricas que operam em regime de vazante, o que representa 2,5% a mais de energia disponível.

PRÉDIO MELHOR O presidente do Saneamento de São Paulo (SAP), Roberto de Sá, considera melhor a situação no Sudeste do Brasil, onde a situação é mais crítica. "O nível dos reservatórios é melhor do que no Sudeste e isso é bom", afirma Sá. "A situação é melhor do que no Sudeste e isso é bom", afirma Sá.

O especialista alerta que, apesar de não haver risco de déficit energético, a possibilidade de "apertar" não está descartada. Isso porque, segundo ele, o nível dos reservatórios não é suficiente para cobrir a demanda de 2015, o que representa um déficit de 2,5%.

BOLETO DE NEVE

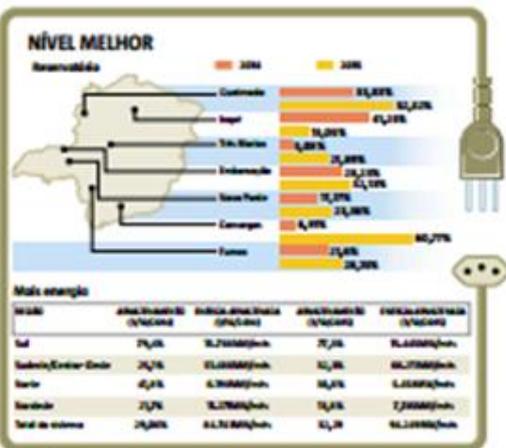
A situação operacionalmente mais preocupante em São Paulo é o aumento de vazantes em algumas usinas hidrelétricas. Isso representa 2,5% a mais de energia disponível.

Os gerentes não estão muito otimistas sobre a situação. A expectativa é que possa chegar ao nível de 2014, afirma o coordenador de São Paulo do Saneamento de São Paulo (SAP), Roberto de Sá. "O nível dos reservatórios é melhor do que no Sudeste e isso é bom", afirma Sá.

Por isso, o aumento de vazantes em algumas usinas hidrelétricas é uma medida necessária para garantir a oferta elétrica de 2015, o que representa um déficit de 2,5%.



Em São Paulo, o nível dos reservatórios é melhor do que no Sudeste, mas ainda não é satisfatório.



Sem alívio na conta de luz

Apesar da melhoria do nível dos reservatórios, ainda não há perspectiva de redução nas tarifas de energia elétrica. Isso porque a situação não é satisfatória e o risco de déficit energético ainda existe.

Apesar da melhoria do nível dos reservatórios, ainda não há perspectiva de redução nas tarifas de energia elétrica. Isso porque a situação não é satisfatória e o risco de déficit energético ainda existe.

Apesar da melhoria do nível dos reservatórios, ainda não há perspectiva de redução nas tarifas de energia elétrica. Isso porque a situação não é satisfatória e o risco de déficit energético ainda existe.

Depois de um ano crítico para o sistema elétrico, o país inicia um período de chuvas no aguardo da contribuição de São Pedro para aliviar o nível dos reservatórios. Em comparação com o ano passado, as bacias estão com volume maior. Mas ainda longe de um patamar satisfatório. As chuvas do início do ano associadas à operação cautelosa permitiram recuperar um pouco das usinas, principalmente do Sudeste/Centro-Oeste, região tida como crucial para o sistema. Por outro lado, sob o efeito do El Niño, a previsão é de sofrimento para o Nordeste, principalmente para o abastecimento, uma vez que o sistema elétrico interligado permite a transferência de energia entre regiões.

Segundo informações do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), a água armazenada nos reservatórios do Sistema Interligado Nacional em 1º de outubro é capaz de gerar 11,21% mais energia do que o volume estocado no mesmo período do ano passado. Ao todo, são 9.506 megawatts/mês disponíveis a mais. Os números refletem principalmente a melhoria de condições na região Sudeste/Centro-Oeste, única a estar com nível superior de armazenamento neste ano. A virada é explicada porque as regiões juntas somam 70,31% da capacidade de geração do sistema.

Com tal cenário, o Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE) considera que o risco de déficit de energia no Sistema Interligado Nacional (SIN) é zero neste ano. "O risco zero foi observado nas simulações considerando a série histórica e a série sintética, que é mais conservadora e mostra simulações de cenários hidrológicos mais severos do que os já observados", diz trecho de nota do comitê publicada depois de reunião na quinta-feira. No ano passado, no auge da crise, o risco ultrapassou 20%, sendo o aceitável pelo governo até 5%.

Exemplo da mudança de patamar dos reservatórios neste ano pode ser observado em Minas Gerais. A usina hidrelétrica de Três Marias no ano passado atingiu os menores níveis da série histórica. Em outubro de 2014, o reservatório marcava 5,08%. Neste ano, estava em 21,89%. "Em algumas bacias, o cenário é mais favorável, como é o caso, principalmente, de Três Marias e Camargos", afirma o engenheiro de Planejamento do Sistema Elétrico da Cemig, Ivan Carneiro. "Nas duas usinas, o estado atual de armazenamento, melhor que 2014, é fruto da gestão da defluência que foi implementada em 2014 e se manteve ao longo de 2015", afirma.

Com o baixo patamar de Três Marias, um colegiado dialogou sobre os rumos da bacia nos últimos meses. Para garantir o fornecimento de água para os municípios situados antes do reservatório, a vazão defluente foi reduzida drasticamente a patamares mínimos. Por segundo, saíam apenas 80 metros cúbicos do reservatório. Com as chuvas acumuladas até maio no Sudeste e dada a situação do reservatório de Sobradinho, na Bahia, a vazão aumentou.

Em 29 de setembro, o volume foi elevado para mais de 500 metros cúbicos por segundo, patamar mais de seis vezes superior ao anterior. "O aumento da defluência é fruto de simulações intensas e análises de diversos cenários meteorológicos que apontaram ser necessário a elevação da vazão para preservação dos estoques de Sobradinho", afirma Carneiro. Segundo ele, a expectativa é de reduzir a água liberada em dezembro. Depois de três anos seguidos com níveis críticos do índice pluviométrico, a expectativa da Cemig é de vazões afluentes em patamar próximo ao da média histórica para o período chuvoso.

PRESSÃO MENOR O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, considera melhor a situação no Sudeste/Centro-Oeste neste ano, mas diz que no Nordeste se passa o contrário. "Do lado do consumo, graças à famigerada recessão, o consumo tem caído tirando pressão da demanda. Estamos falando de cenários de pressão negativa da demanda. Mesmo assim, tendo que acionar quase 100% das térmicas, não é um cenário de conforto", adverte. Ele

acrescenta que a entrada em operação de usinas no Rio Madeira e de Belo Monte ajudaram a mitigar os problemas.

O especialista alerta que, apesar do risco reduzido de déficit energético, a possibilidade de “apagões” não está descartada. Isso porque, segundo ele, o baixo nível das represas no Nordeste dificulta os ajustes de carga em dias de maior demanda por causa do calor. “Esses ajustes dependem da energia hidráulica. Com os níveis muito baixos na região, deixa de contar com esse potencial”, afirma Sales.

● **Sobradinho vive drama**

A situação aparentemente mais confortável em Três Marias esconde o drama de Sobradinho. O aumento da vazão está diretamente ligado ao baixo volume do reservatório baiano, hoje em 7,67%. A liberação de mais água é necessária para suprir a baixa de chuvas no Nordeste. Neste ano, com a ocorrência do fenômeno meteorológico El Niño, a expectativa é de chuvas intensas no Sul do país e seca nas regiões Norte e Nordeste. No Sudeste, segundo a Cemig, não há “caracterização específica”.

“As previsões não estão ainda muito bem definidas. A expectativa é que possa chover para melhorar o nível hídrico”, afirma o coordenador do Alto São Francisco do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, Márcio Pedrosa. Sem chuvas, a projeção é de que em um mês Sobradinho atinja a estaca zero do volume útil em menos de um mês. No mês passado, o volume médio de chuvas no Nordeste ficou em 44% da série histórica, enquanto na região Sudeste/Centro-Oeste a média foi de 121%.

Por sinal, o aumento da vazão em Três Marias visa inclusive postergar (ou evitar) o problema. Pedrosa, no entanto, adverte que, com isso, as projeções para a represa mineira foram modificadas. Em reunião na semana passada com integrantes do comitê, a Cemig apresentou que a projeção é de o reservatório atingir 2,5% do volume, em dezembro. A previsão anterior era de 10% para o mesmo período.

Bola de neve

Se o impasse da Conta de Desenvolvimento Econômico (CDE) impacta diretamente no bolso dos consumidores, na outra ponta, na geração de energia, também há um imbróglio de difícil solução, provocado por outra avalanche de liminares. O gargalo, nesse caso, são dívidas de mais de R\$ 20 bilhões de usinas hidrelétricas por conta do GFS (Generation Scaling Factor, na sigla em inglês), que determina um percentual de garantia física. Esse rombo também deve ser pago pelo consumidor, seja via bandeiras tarifárias ou Encargo de Energia de Reserva (EER), cobrados na fatura de cada brasileiro. O GFS está em discussão na Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e o governo estuda uma forma de mudar a repactuação do risco hidrológico de geração de energia elétrica.